

O MITO DO MAÍRA: CONTA A ORIGEM DO POVO GUAJAJARA

Aline de Sousa Silva Guajajara ¹
Ilma Maria de Oliveira Silva ²

RESUMO

Os mitos de origem para os povos indígenas são de fundamental importância. É através deles que os rituais e identidades culturais são fortalecidos. Este trabalho é parte da dissertação de mestrado, onde nos propomos a pesquisar sobre as narrativas dos tua`uhez como fortalecimento da identidade cultural do povo Guajajara. Buscamos através desta pesquisa, descrever o mito de origem do povo Guajajara. Tivemos como base o enfoque etnográfico, em uma abordagem qualitativa. Nossos interlocutores foram duas tua`uhez, dois jovens e duas professoras da Escola Indígena Kwarahy. Utilizamos a entrevista como coleta de dados. A pesquisa foi desenvolvida na aldeia Novo Funil, Terra Indígena Araribóia, Amarante-MA. Através desta, foi possível constatar que tanto os jovens, quanto as professoras não conhecem o mito de origem de seu povo. Com isso, foi elaborado um livro paradidático para Escola Indígena Kwarahy, contendo a descrição do mito de origem, o que acreditamos que irá contribuir como um produtivo recurso pedagógico. Entendemos com este trabalho, que o mito está deixando de existir devido à falta de conhecimento e atenção aos momentos de escuta com os tua`uhez. Concluímos que mais do que nunca os saberes tradicionais precisam e necessitam ser valorizados.

Palavras-chave: Identidade cultural, Tenetehar/gujajara, Saberes tradicionais

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado, onde nos propomos a pesquisar sobre as “narrativas dos tua`uhez como fortalecimento da identidade cultural do povo guajajara”. As narrativas que descrevem os mitos, narrados pela tua`uhez³ e cantoras ritualistas, que carregam consigo uma biblioteca de conhecimentos ancestrais, onde são transmitidos através da oralidade para os mais novos. Por este motivo a memória é imprescindível na passagem de conhecimentos tradicionais, pois se trata das raízes mais profundas da ancestralidade por meio das memórias. Candau (2014, p. 60). reitera que, “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Pós-graduada em Docência do Ensino Superior – UEMASUL, Mestra em formação Docente em Práticas Educativas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, aline.sousa2@discente.ufma.br ;

² Professor orientador: Graduada em Pedagogia pela Universidade federal do maranhão - UFMA, Especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Doutora em História pela Unisinos. E-mail: ilmamaria@uemasul.edu.br;

³ Tua`uhez significa ancião/velho na língua Tupi.

A história de criação do povo Guajajara está relacionada aos seus encantados que vivem nas florestas e nas águas. Desde muito cedo, as crianças Guajajara ouvem falar sobre o mito de criação – Maíra, ou mãe d'água, como também é nomeado. Sobre isso, Emerson Rubens Mesquita Almeida (2019, p. 19) diz que o período em que Maíra “viveu entre eles parece ser, até hoje, o mais importante para os Guajajara”.

O Maíra é considerado herói, criador do povo Guajajara, um ser de muito poder. Mariquina Tenetehar afirma que:

[...] O Maíra era muito esperto, ele criou a água, as caças, os peixes, o dia e a noite. Tudo que tem hoje pra nós tenetehar foi Maíra que criou, nós só existimos porque ele nos criou. A sabedoria do nosso povo vem dele. Ele era muito sabido. (MARIQUINA TENETEHAR. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2022, na Aldeia Novo Funil).

Portanto, as histórias e seus elementos, como os seres encantados, fazem parte do dinamismo do povo Guajajara. São seres aos quais admiram, respeitam e seguem como inspiração. Os mitos e ritos fazem parte de seu cotidiano e da construção de suas identidades culturais.

Para isso, a memória se torna uma aliada na guarda e transmissão das histórias vividas pelos tu'uhez. Portanto, nossas memórias:

[...] permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Nessa perspectiva, a memória pode ser compreendida como possibilidade de reconstrução de conhecimentos, saberes e de inclusão daqueles que por algum momento foram silenciados. Nesse sentido, recordar, para os povos indígenas, vai além de lembranças casuais, significando sim uma necessidade para que as histórias não sejam esquecidas.

Os mitos fundamentam a existência indígena. São histórias que são vividas diariamente de acordo a organização social de cada povo. Eliade (1972, p.12) diz que “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma ‘história verdadeira’, porque sempre se refere a realidades”.

Nesse mesmo sentido, Silva (2018) reitera que os mitos traduzem um mundo complexo e partilhado com outros seres que compõem a totalidade de um espaço,

experiências de vida e práticas milenares que dão sentido às memórias coletivas. Nessa perspectiva, os mitos são composições que dão origem a tudo que cerca um determinado povo, no caso dos indígenas, a natureza e as manifestações culturais e cotidianas. Assim, a importância da:

[...] orientação filosófica das cosmologias, das mitologias e dos acontecimentos históricos guardados na memória coletiva. Em razão dessa permanente reflexão sobre a teoria e a prática vivida, os mitos e os rituais são permanentemente atualizados e, às vezes, reinventados (GERSEM BANIWA, 2013, p. 130).

Partindo dessas afirmativas compreendemos que os mitos são relevantes para o entendimento e direcionamento de todos nas comunidades indígenas. Para o povo Guajajara, o mito do Maíra explica a existência de todos. Os mitos são considerados como combustíveis para os povos indígenas, fazendo parte do seu cotidiano cultural, acompanhando-os desde o nascimento. O mito do Maíra explica a origem do povo Guajajara. É a partir desse mito que a identidade desse povo se revela e, permite o entendimento de sua existência e o porque de todas as coisas que os cercam.

A relevância da pesquisa se dá a partir da importância que o mito representa para o povo Guajajara, partindo dessas premissas elaboramos a seguinte problemática: qual a percepção das professoras, alunos e tu`uhs em relação ao mito do Maíra? Diante da problemática elaboramos os seguintes objetivos, descrever o mito de origem do povo Guajajara; analisar como as professoras, alunos e comunidade percebem a importância do mito de origem para o fortalecimento cultural da comunidade Novo Funil; analisar quais as contribuições das narrativas dos tua`uhez sobre o mito do Maíra para o fortalecimento cultural do povo Guajajara, e por fim, elaborar um livro paradidático como recurso pedagógico para a Escola Indígena Kwarahy.⁴

Metodologicamente utilizamos a metodologia da História Oral (HO) com um enfoque etnográfico e uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida na aldeia Novo Funil Terra Indígena Araribóia⁵ localizada no município de Amarante – MA. Os sujeitos da pesquisa foram os tua`uhez, professoras e jovens Tenetehar da aldeia Novo Funil, utilizou-se a entrevista como coleta de dados.

A pesquisa revelou a relevância do mito do Maíra para o povo Guajajara. A comunidade o reconhece como o criador de sua existência e de todas as coisas que os

⁴ Kwarahy significa sol na língua Tupi.

⁵ A TI Arariboia foi homologada pelo Decreto 98.852, de 22 de novembro de 1990, com área de 413.288,00 hectares, onde vivem comunidades guajajara e parte dos Awa-Guajá.

rodeia, é considerado um ser poderoso, no entanto, uma parte da comunidade não sabem contar na íntegra o mito que deu origem a sua existência e, isso se torna algo preocupante tendo em vista que os mitos são responsáveis pelo fortalecimento da identidade cultural como foi mencionado anteriormente, e como os tua`uhez revelaram em suas falas um sentimento de tristeza e insatisfação, pois observa que a nova geração não demonstra uma atenção devida para os momentos de rodas de conversa, considerando que esses momentos são indispensáveis na transmissão do mito de origem.

É importante ressaltar que, a escola como sendo um espaço de ensino aprendizagem, não aborda em suas atividades em sala de aula sobre as histórias e culturas indígenas, pois a pesquisa revelou que as professoras da Escola Indígena Kwarahy não dominam o mito de origem, e não trabalham sobre essas temáticas porque não tem uma formação específica para isso e os materiais que são disponibilizados pelo estado são insuficientes para tais atividades. Pensando nisso, nos propomos a elaborar um livro paradidático com a descrição do mito de origem do povo Guajajara e os principais rituais para serem utilizados como recurso de apoio para as professoras em sala de aula, visando assim, a valorização das histórias e culturas da comunidade Novo Funil e o fortalecimento da identidade cultural.

2 METODOLOGIA

Diante das transformações nas sociedades indígenas, algo preocupante vem ocorrendo nas comunidades do povo Guajajara, em especial na aldeia Novo Funil a maioria dos jovens não valorizam os costumes e tradições e poucos participam dos rituais e da dinâmica cotidiana dos tua`uhez.

Os rituais são formas de manifestação cultural. Suas representações e valores, transmitem conhecimentos tradicionais, e são fortalecidos através dos mitos de origem. Possibilita, ainda, que cada membro da comunidade compreenda suas origens. Segundo Peirano (2003, p. 09), o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências “ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)”.

Nesse sentido, deixar de viver as tradições e rituais, e desconhecer o valor agregado em cada um para as comunidades indígenas, é enfraquecer a cultura de um

povo. É preciso, portanto, valorizar as narrativas dos tu`uhez, pois ouvi-los é aprender com as experiências de vida mediante um fortalecimento cultural.

A partir dos objetivos, concluímos que a metodologia da História Oral (HO) é a mais adequada para fundamentar a pesquisa. A respeito dessa escolha metodológica, Brand (2000) considera que a História Oral, possibilita dar voz a múltiplos e diferentes narradores e torna o fazer história uma atividade mais democrática, pois recria a multiplicidade original. Histórias do passado se configuram como organização do presente e preparação para o futuro.

As narrativas dos tu`uhez são uma das fontes mais relevantes de conhecimentos tradicionais, e devem ser consideradas como indispensáveis para realização de trabalhos numa abordagem qualitativa, pois o trabalho com História Oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo. Enfim, é:

[...] essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças (ALBERTI, 2013, p. 33).

Nesse sentido, a pesquisa teve como princípio respeitar cada expressão do entrevistado, principalmente seu tempo, espaço, falas e concepções sobre o que está sendo abordado. Também são abordadas as lembranças que expressam as vivências do entrevistado, sua história pessoal construída através de experiências vividas.

Consequentemente, a pesquisa foi desenvolvida tendo como base o enfoque etnográfico, que possibilita as descrições eventuais do cotidiano de uma cultura ou um grupo, visando compreender o objeto em suas múltiplas dimensões. Consideramos, portanto, que:

[...] a pesquisa etnográfica abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo (GODOY, 1995, p. 28).

Para Fazenda (2006), o que caracteriza a pesquisa etnográfica é, primeiramente, um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas, ou com os grupos selecionados.

Desse modo, o enfoque escolhido permitiu a realização do estudo sob a abordagem qualitativa. Para Deslauries e Kérisit (2008, p. 130) “[...] o objetivo de uma pesquisa qualitativa pode ser o de dar conta das preocupações dos atores sociais, tais quais são vividas no cotidiano. Por meio da precisão de detalhes, essa abordagem pode fornecer informações que se constituirão fonte relevante de conhecimento”.

A pesquisa foi desenvolvida na aldeia Novo Funil Terra Indígena Araribóia localizada a 36 km da cidade de Amarante Maranhão. Os sujeitos da pesquisa foram as tua`uhez, professoras e jovens Tenetehar da aldeia Novo Funil. Para selecionar as tua`uhez, elegemos os seguintes critérios: serem cantores (as) dos rituais, com idade aproximada ou superior a 60 anos e serem conselheiros.

Assim, foi interlocutora a senhora Maria Raimunda Tenetehar, que tem aproximadamente 70 anos de idade, nasceu na terra indígena Araribóia, é cantora e transmissora dos conhecimentos tradicionais aos jovens da aldeia Novo Funil. A senhora Mariquina Tenetehar, que nasceu na terra indígena Araribóia, tendo aproximadamente 61 anos de idade. A cantora Lucine Alves da Silva Tenetehar e professora do Ensino Fundamental da escola Kwarahy, tem 60 anos de idade. A professora do Ensino Fundamental, Maria do Rosario Alves Tenetehar, 53 anos de idade, e os jovens, Juliene da Silva Pereira Tenetehar e Willian da Silva Pereira Tenetehar contribuíram com esta pesquisa.

De acordo a metodologia da História Oral, um dos instrumentos de coleta de dados mais eficientes é a entrevista. Szymanski (2004, p. 12) elucida que “[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado”. Em vista disso, a entrevista possibilita um contato maior com os sujeitos e interação mais estreita com o objeto pesquisado.

Dessa forma, utilizamos a entrevista para a coleta de dados com base em eixos relacionados aos objetivos e aos interlocutores. A respeito dos tua`uhez, buscamos compreender, a partir de suas narrativas, a descrição do mito do Maíra, a importância do mito de origem para o fortalecimento cultural da comunidade Novo Funil, também a importância da escola para o fortalecimento da cultura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os tua`uhez, os saberes ancestrais e o currículo da Escola Indígena Kwarahy

A descrição do mito do Maíra narrada pela tua`uhez e cantora Maria Raimunda Tenetehar. Ela é considerada uma das cantoras mais renomadas da Terra Indígena Araribóia. Muito respeitada pela comunidade Novo Funil, bem como na região, é uma das transmissoras dos conhecimentos tradicionais para o povo Guajajara.

Ao iniciarmos a nossa conversa, Maria Raimunda volta no tempo e rememora a época de sua juventude, onde era apenas uma menina atenta e curiosa para aprender com os seus tumuis. Ela diz:

Tudo que eu sei hoje, eu aprendi com meus tumuis. Os vovôs contavam histórias, o tio Chicão, o Tumui Vicente, e eu os observava, essas pessoas mais velhas eu os via contanto muitas histórias, sobre as festas. Quando eles estavam todos reunidos conversando sobre as festas, eu sempre estava lá observando, e eu também perguntava muitas coisas, é por isso que eu sei das coisas hoje porque eu perguntava muito. (MARIA RAIMUNDA TENETEHAR. Entrevista realizada em 21 de junho de 2023, na aldeia Novo Funil)

Em sua fala, Maria Raimunda se mostrou muito preocupada, pois percebe que a nova geração não valorizam os saberes dos mais velhos, e com isso ela se sente triste por suas histórias não serem valorizadas, principalmente sobre o mito do Maíra, por este ser considerado herói, criador do povo Guajajara, um ser de muito poder. Como afirma Mariquina Tenetehar afirma que

[...] O Maíra era muito esperto, ele criou a água, as caças, os peixes, o dia e a noite. Tudo que tem hoje pra nós tenetehar foi Maíra que criou, nós só existimos porque ele nos criou. A sabedoria do nosso povo vem dele. Ele era muito sabido. (MARIQUINA TENETEHAR. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2022, na Aldeia Novo Funil).

Portanto, as histórias e seus elementos, como os seres encantados, fazem parte do cotidiano do povo Guajajara. São seres aos quais admiram, respeitam e seguem como inspiração. O mito do Maíra representa a origem da vida do povo Guajajara Os mitos e ritos fazem parte de suas vivências cotidianas e de da construção de suas identidades culturais.

3.2 Educação escolar indígena e os desafios na sala de aula da Escola Indígena Kwarahy

Ainda não podemos afirmar que em todos os territórios indígenas existe educação escolar pensada e planejada pelos professores e comunidades indígenas, tendo como prioridade os princípios próprios de aprendizagem de cada povo.

A educação escolar indígena, para Gersem Baniwa (2006), deve se basear nos princípios educativos e nos métodos próprios de aprendizagem de cada povo indígena. Para o autor, “toda organização social, cultural e econômica de um povo indígena está relacionada a uma concepção de mundo e de vida, isto é, a uma determinada cosmologia organizada e expressa por meio dos mitos e dos ritos”.

Com isso, a escola se torna um espaço indispensável na valorização e transmissão dos saberes tradicionais, devendo, assim, ser um espaço de fortalecimento identitário e assumir um papel de construção de seus próprios processos educativos, por meio da priorização de suas relações interculturais. Nessa perspectiva, importante seria se todas as escolas indígenas percebessem a necessidade dos conhecimentos tradicionais como indispensáveis no currículo escolar. Nessa seara, Maria Raimunda Tenetehar informa que:

Antigamente não tinha escola, não tinha professora, hoje os jovens vão para a escola, mas as professoras não ensinam sobre nossa cultura, pelo menos é o que eu vejo, e assim os conhecimentos que os tua`uhez nos deixaram está se perdendo (MARIA RAIMUNDA TENETEHAR. Entrevista realizada em 21 de junho de 2023, na aldeia Novo Funil)

A narrativa de Maria Raimunda é confirmada pela professora Maria do Rosário Alves Tenetehar, a qual faz a seguinte afirmação

[...] não trabalho em sala de aula sobre os nossos conhecimentos tradicionais, acho muito difícil trabalhar esses assuntos quando não tenho material específico sobre o assunto e muita coisa não sei falar como os Tua`uhez. (MARIA DO ROSÁRIO TENETEHAR. Entrevista realizada na aldeia Novo Funil em 21/06/2023).

A partir das narrativas, chegamos à conclusão de que a Escola Indígena Kwarahy reproduz o estereótipo de que os conhecimentos dos não indígenas são mais importantes que os dos indígenas. A escola que poderia ser um meio de valorização e fortalecimento das culturas indígenas, passando a ser um espaço de silenciamento dos saberes tradicionais.

Os tua`uhez, que são respeitados como guardiões da cultura e conhecedores das histórias e tradições do povo Tenetehar, não adentram as salas de aula e nem mesmo são

escutados. Willian da Silva Tentehar, aluno do 5º ano do Ensino Fundamental, faz o seguinte depoimento:

Na sala de aula não é passado sobre as histórias dos tua`uhez. Não sei se as professoras não sabem ou é porque nós não perguntamos. Mas acho que eles podem contribuir muito na escola, mas eles nunca vão para lá, o que nós aprendemos são nas festas. Se eles fossem na escola eles poderiam passar os conhecimentos deles lá também, e seria muito bom para a gente, porque tem muitas coisas que nós não sabemos (WILILIAN DA SILVA TENETEHAR. Entrevista realizada em 22 de abril de 2023, na aldeia Novo Funil).

A fala do aluno é emblemática, quando coloca em dúvida os saberes das professoras ou a importância dada aos conhecimentos tradicionais por elas. Há um reconhecimento e uma necessidade de valorização dos tua`uhez e ao mesmo tempo questiona o papel da escola no silenciamento em relação ao currículo intercultural e à negação do que é próprio dos Guajajara.

Portanto se torna uma grande preocupação, considerando que os mitos e ritos fazem parte do fortalecimento da identidade cultural de cada povo indígena. Diante disso, a professora Maria do Rosário Tenetehar diz que:

Eu não sei muita coisa do mito do Maíra. Lembro pouca coisa, faz muito tempo que eu não procuro saber, eu ouvia muito quando era criança, quando os tua`uhez contava as histórias pra nós, mas, a gente vai indo e vai esquecendo das coisas, eu não sei contar o mito, sei assim por partes, mas não sei o mito todo. Mas sei que ele é muito importante para nosso povo. É nosso encantado, foi quem fez todas as coisas, a água, as caças, o dia, a noite e tudo que temos hoje. Era uma coisa que era para ser colocada tudo no papel, para a gente não perder. (MARIA DO ROSÁRIO TENETEHAR. Entrevista realizada em 24 de abril de 2023, na Aldeia Novo Funil).

Diante das afirmativas, percebemos que a responsabilidade da transmissão dos conhecimentos fica apenas sobre os tua`uhez. Como a transmissão de conhecimento entre os povos indígenas se dá predominantemente mediante o uso da oralidade, com a partida dos tua`uhez as histórias e mitos também vão sendo esquecidos, ou até mesmo deixando de existir. Corroborando o que disse Maria do Rosário, Juliene da Silva Tenetehar diz não ter conhecimento aprofundado sobre o mito de origem, como pode ser constatado no seguinte relato:

Não sei nada, a mãe disse que ele existe, eu acredito que ele existe, mas não sei da história dele, o que sei é o que todos nós sabemos, que ele é poderoso e que nos ajuda quando precisamos, até cura nossas doenças. Mas, sobre a história eu não sei nada. Eu nunca procurei saber, nunca fui procurar os tua`uhez pra eu saber. Se eu tivesse procurado, hoje eu sabia. Acho que só

quem sabe dessa história mesmo são só os tua`uhez. (JULIENE DA SILVA TENETE HAR. Entrevista realizada em 22 de abril de 2023, na aldeia Novo Funil).

Percebe-se que, mesmo não sabendo na íntegra sobre o mito do Maíra, tanto as professoras, quanto aos alunos e todos da comunidade, sabem da importância da representatividade do Maíra para eles. Todos reconhecem que é uma grande falha não saberem de maneira mais aprofundada a respeito do ser mítico, dado que ele é um poderoso e o mito informa sobre a existência do povo Guajajara. Diante do abandono das histórias e culturas indígenas nas escolas indígenas, as narrativas dos tua`uhez se tornam necessárias tanto para o fortalecimento cultural, quanto para se tornarem material didático a serem utilizados nas escolas indígenas.

É possível dizer, portanto, que os tua`uhez gozam de um grande respeito e conhecimentos aos olhos do povo Guajajara. Eles são vistos como detentores de conhecimentos e experiências vividas que foram e são compartilhadas diariamente, tanto no processo educativo, quanto nos culturais. Diante dos resultados desta pesquisa, elaboramos um produto com as narrativas dos rituais e mitos, narrados pelas tua`uhez entrevistadas. O material poderá ser utilizado como recurso pedagógico na escola indígena Kwarahy.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que os tua`uhez contribuem de maneira significativa para o aprendizado de todas as gerações. No entanto, a busca por esses conhecimentos estão se distanciando a cada dia. Com isso, os tua`uhez lamentam pelo fato de os jovens não se interessarem para ouvir suas histórias através da oralidade, uma vez que eles que são os que mais necessitam da aprendizagem sobre os conhecimentos tradicionais, principalmente sobre o mito de origem. Portanto a descrição do mito do Maíra é de fundamental importância, especialmente para os jovens Guajajara.

Mesmo diante da falta de atenção dos jovens a respeito das narrativas dos tua`uhez, todos da aldeia reconhecem sua importância e têm plena consciência de que os conhecimentos dos tua`uhez são de fundamental importância para toda a comunidade, principalmente o mito do Maíra.

As professoras reconhecem a importância das narrativas. Contudo, ainda não se empenharam na busca dessa aproximação da tradição Guajajara com as atividades

escolares, mas consideram ser de grande relevância e necessária a integração desse aspecto no currículo escolar. Mas, a pesquisa identificou que os conhecimentos das professoras em relação aos saberes tradicionais que fortalecem a identidade cultural ainda são bem superficiais, principalmente sobre o mito do Maíra. Elas reconhecem tal falha e consideram que tais conhecimentos são algo imprescindível na escola.

Com base no que a pesquisa expôs, no que diz respeito às narrativas dos tuá'uhez, fica evidente a importância fundamental dessas narrativas para o povo Guajajara. Elas desempenham um papel central nas experiências da comunidade, seja na área da educação, saúde ou na preservação e difusão de seus rituais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. – 3. eEd. – Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita. **A política vai à festa: sagacidade e estratégia tentear nas relações interétnicas**. Brasília, 2019.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRAND, Antônio. História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. **Revista História Unisinos**, São Leopoldo, v. 4, n. 2, p. 195-226, 2000.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**; tradução Maria Leticia Ferreira., - 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

DESLAURIES, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michéle. O delineamento de pesquisa **qualitativa**. In: POUPART, Jean *et al* (org). **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. ppP. 127-153.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 10 ed. São Paulo, Cortez: 20026. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11).

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38200>. Acesso em: 8 sep. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

PEIRANO, Mariza. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. **Lideranças Krikati: implicações da escola não indígena em suas trajetórias e trajetórias de vida**. 2018. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2018.

SZYMANSKI, Heloisa (Oorg). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

TENETEHAR, Juliene da Silva Pereira. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA, 22 jun. 2023.

TENETEHAR, Lucine Alves da Silva. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA, 12 out. 2022.

TENETEHAR, Maria do Rosario Alves. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA:

TENETEHAR, Maria Raimunda. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA, 11 out. 2022.

TENETEHAR, Mariquina. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA, 10 out. 2022.

TENETEHAR, Willian da Silva Pereira. **Narrativas dos tua`uhez da aldeia Novo Funil sobre a história e cultura do povo guajajara: fortalecimento para a identidade cultural**. Entrevista cedida a Aline de Sousa Silva Guajajara. Imperatriz-MA, 22 abr. 2023.